

**HIPERTEXTO:  
UMA POSSIBILIDADE DE CRÍTICA TEXTUAL**

*Andréa Abrate Coimbra Machado* (UNESA)

*Nataniel dos Santos Gomes* (UNESA)

**RESUMO**

Esta pesquisa visa a encontrar uma possibilidade de crítica textual em textos já consagrados, textos canônicos. Saber como surgiu um texto, o que é e como nos utilizar a Internet tornou-se igualmente importante para esta pesquisa, que se vale desta linguagem para chegar ao seu objetivo: o texto virtual é definido e suas características são expostas.

As bibliotecas que em outras épocas tinham a função de reproduzir textos, copiando-os, foram aqui abordadas, sendo ressaltada a Biblioteca da Alexandria, por ser uma das mais importantes por sua grandeza e por sua pluralidade de culturas.

O Renascimento, como período marcante para a Filologia, pois nele a crítica textual ganha forma de ciência, é abordado mais adiante, mostrando que a Internet é a mega biblioteca, algo comparável a Biblioteca da Alexandria, na Antigüidade, porém com um alcance superior, além das técnicas desenvolvidas por Lachmann, para os estudos dentro do campo da crítica textual.

Considerando todas as abordagens anteriores, chegamos à conclusão que é possível fazer uma crítica textual com o hipertexto possibilitado pela estrutura do software que tem entre seus programas um que resgata todos os hipertextos que são acessados, como um backup que garante a acessibilidade mais rápida.

**Palavras-chave:** edição crítica; hipertexto; filologia

Esta pesquisa tem por finalidade levantar a possibilidade de fazer crítica textual com o hipertexto, o texto da Internet. O vislumbre de um caráter histórico-filológico foi à mola propulsora para este trabalho.

Para que fosse alcançado tal objetivo, fez-se necessário iniciar no primeiro capítulo o estudo do texto, passando pela coesão e coerência, ressaltando a importância de ambas para o entrelaçamento do mesmo, ou seja, seu entendimento, mister foi também lembrarmos a necessidade de uma hierarquização de pensamentos para o êxito desse processo.

Na segunda parte, definimos o que é Internet, ressaltando a responsabilidade da ARPA em seu surgimento, quando na década de

50 houve a necessidade de um sistema eficaz de comunicação entre os órgãos do governo americano. Neste mesmo capítulo é apontado como utilizar esta ferramenta, usada, atualmente, em todos os cantos do mundo.

Na parte seguinte definimos “biblioteca”, com o objetivo de falarmos sobre o acervo de textos. Hoje a sua função maior e o empréstimo de livros, mas na Antigüidade a Biblioteca da Alexandria (considerada a maior de sua época), era acima de tudo, um Centro Universitário. Vale ressaltar a dificuldade de conseguirmos material para fecharmos este capítulo, já que as informações e fontes são desconstruídas e confusas, uma vez que a Biblioteca da Alexandria foi incendiada por diversas vezes.

Iniciamos a última sessão falando do Renascimento, apontando-o como o marco da edição crítica. Definimos Internet como uma mega acervo de textos, explicamos a noção de hipertexto, e procuramos discutir se neste e a partir deste há a possibilidade de realizarmos uma edição crítica.

## PRA COMEÇO DE CONVERSA

**“Como sabemos tanto com tão poucas evidências?”  
(Platão)**

Desde os primórdios, o homem sente uma necessidade inexplicável de se comunicar com os demais, expressando suas idéias e sentimentos. A princípio, eram só ruídos, com os quais o homem procurava se comunicar e mostrar seus sentimentos tais como dor, medo, ódio, revolta, carinho, inconscientemente, visando uma forma de preparar o corpo para algo maior, a produção de sons significativos no qual a mente poderia através da estrutura física, expressar-se. Desconhecemos como surgiu e qual foi à primeira palavra, o fato é que a natureza proveu o homem de meios, e este fez acontecer sua vontade.

Chomsky, em sua teoria racionalista, inserida no gerativismo, afirma que o homem possui uma capacidade inata de se comunicar, justificando o fato de uma criança aprender se expressar, mesmo quando o “estímulo ambiental é falho e fragmentado” (KATO, 1986:101). Essa capacidade é comprovada através do fato de que

somente o homem tem essa competência, porque o mesmo adquire a língua materna, da mesma forma em todos os lugares do mundo, com a perfeição no processo de aprendizagem, pois é real e não mera repetição, mesmo a língua sendo abstrata. Se entendermos como abstração algo que não copia a realidade, conseguimos entender perfeitamente o por quê da abstração da língua. Adquirir uma língua não acontece através de mera repetição. Há toda uma estrutura mental e física preparada para desenvolvermos esta habilidade. Em outras palavras, para este teórico, “tanto o conhecimento quanto o comportamento linguístico seriam geneticamente determinados” (*Id. Ibid.*).

Em “The capacity for language acquisition” (*Apud* KATO, 1986, p. 101), Lennenberg demonstra seguir totalmente a visão de Chomsky, pois ele compara a aquisição da fala com outras atividades do desenvolvimento humano. Este teórico se vale de vários critérios para tirar suas conclusões. O primeiro critério é de que o homem não pode traçar o momento, na história da humanidade, em que ele começa a andar da mesma maneira que pode fazer com a escrita. Um segundo critério, é que algumas atividades do desenvolvimento humano, tais como andar e falar, não apresentam variação na espécie, como apresenta escrever e ler, com relação à aprendizagem. Ainda há um outro critério que é o da herança genética, pois o homem aprende a andar sozinho e outras atividades como a de ler e escrever se dá através de um treinamento. Por fim, um último critério envolve o que ele chama de “correlatos orgânicos específicos”. Isso se explica no fato do homem desenvolver sua habilidade de falar num período específico de sua existência, não ocorrendo o mesmo com relação à escrita e a leitura. Lennenberg concluiu, então, que escrever e ler não são inatos, mas falar o é, pois a aquisição da fala não apresenta variação na espécie, explicando o fato da língua ser abstrata.

Estas são possibilidades de como pode ter surgido a língua e de como adquirimos a linguagem: da vontade humana de querer se expressar, de expor seus pensamentos e idéias, não pra si, mas para outros, porque há no homem não só o desejo, mas a estrutura mental e física que o possibilita a exata interação com o próximo.

A língua tornou-se o maior instrumento de comunicação humana, que num primeiro momento ficou restrita a oralidade, a qual o homem desenvolveu de diversas formas. Em outros tempos, era o

maior veículo de transmissão de saberes e a palavra tinha força religiosa numa decisão, pois o homem utilizava-a, como medida de sua honra. Uma vez a palavra dada, uma vez ela dita e empenhada, era preciso cumprir com a sua parte no trato para que sua honra não ficasse “manchada”. Uma vez que houvesse dúvida sobre a palavra empenhada por um homem, ele era desacreditado e se tornava indigno de qualquer confiança.

Com o passar do tempo, percebeu-se a necessidade de registro de decisões, idéias e sentimentos humanos, pois toda tradição cultural que era baseada na oralidade, já não dava conta de tudo o que era interpretado numa situação real de fala, gerando arbitrariedade na aplicação de leis, por exemplo. Surge, então, os primeiros textos escritos, que valorizaram a palavra registrada.

### ***Texto, um entrelaçamento.***

**O texto é, pois, um todo organizado de sentido  
(PLATÃO & FIORIN, 2001, p. 16)**

Antes de seguirmos, pensemos então: O que é texto? Para o Dicionário Houaiss, texto é “conjunto de palavras, frases escritas” ou ainda “qualquer material escrito destinado a ser falado ou lido em voz alta”.

A palavra texto tem origem no latim *teccer*, o mesmo que trama, teia. Exatamente isso é o texto: um emaranhado, um entrelaçado de idéias e de formas, apesar de acharmos que o texto é fragmentado, pois está pontuado e cheio de convenções. Então, diferente do que se possam pensar, as partes de um texto são “dependentes semanticamente uma das outras, seguindo uma hierarquia de pensamentos” (PLATÃO & FIORIN, 2001: 14). Em outras palavras, para que possamos entender o texto, não podemos julgá-lo por um fragmento, apenas por uma frase, pois cada parte mantém uma relação semântica com as demais. Essa combinação resulta na interpretação do leitor, que somente no ato da leitura poderá ter o entendimento do que está escrito, pois a compreensão não está presa à forma, não pertence ao texto. Esse nexos, essa lógica a qual alguns teóricos linguistas e outros tantos literários afirmam estar no leitor e não no texto, chama-se coerência. Essa coerência é uma “harmonia de sentidos, ou uma

ausência de discrepâncias no sentido do que se lê”.

Para melhor entendimento do que foi dito acima, tomemos como exemplos o que vem escrito em algumas cartilhas didáticas. Muitas delas trazem frases supostamente de fácil leitura, pois quem a elaborou, pensava existir nessas frases sílabas simples e tentando facilitar a leitura do seu usuário, agrupou-as em um único período, esquecendo-se de dar coerência, como nas frases:

1ª: “O jacaré bebe cajuada de jaleco”.

2ª: “O boi baba no bebê”.

3ª O bode joga dado e bebe água de coco. (PASSOS, 1997: 38).

4ª O tatu toca tuba na mata (*Id.*, p. 52)

Onde está o sentido nestas frases? Como o jacaré não vive dentre os humanos e seus costumes, como não é um animal pensante, pois é irracional apenas utilizando-se de seus instintos, beber cajuada e usar jaleco deva estar fora da idéia humana de jacaré. Então, a frase número um é um amontoado de palavras, mas sem sentidos o mesmo ocorrendo na frase número dois, na três e na quatro. Isso também nos prova que para ter significado, o leitor precisa relacionar o texto com o contexto. É preciso ter um mínimo de repertório de vida para então entendermos do assunto que se trata.

O que nos faz dar crédito a essas frases? A coesão. Esse mecanismo que de alguma forma torna as frases mais estruturadas, mais coesas, mais unidas. Geralmente, a coesão e coerência estão de braços dados num texto, mas diferente da coerência, a coesão está na estrutura, no próprio texto. Ela, a coesão, é a ligação entre as orações e os períodos, um encadeamento linear das unidades lingüísticas presentes no texto, garantindo legibilidade e a evidenciando as relações entre os diversos componentes.

Conclui-se que a definição de Houaiss está incompleta, porque o texto não é um amontoado de frases escritas, um texto para ter existência precisa ter sentido na cabeça de seu leitor, no entendimento que ele tem do mesmo, pois é preciso construir um texto, seguindo uma determinada “hierarquização de sentidos”. Essa hierarquização de sentidos são as etapas pelo qual o nosso pensamento passa até chegar ao “entendimento completo” do texto, processado com a aju-

da de muitos fatores tais como as informações recolhidas durante toda a nossa vida, a qual chamamos de conhecimento de mundo, unida as nossas percepções sensoriais.

E como ocorre esta construção? Em que âmbito isso acontece? No momento da comunicação, para que haja entendimento completo, precisamos nos valer não só da estrutura sintática como também semântica e nosso cérebro que é dividido em módulos, exerce diferentes faculdades mentais, interagindo o tempo todo. Quando escutamos ou lemos uma palavra, o som/grafema é associado a um significado. Mesmo para formar frases ou períodos inteiros nos valem dessa estrutura mental para construí-los. Platão ao dizer “Como sabemos tanto com tão poucas evidências?”, desconhecia todo esse mecanismo, toda essa tecnologia de ponta chamada cérebro.

Dessa forma construímos o nosso léxico e posteriormente nossas frases e períodos mentalmente, pois como dito anteriormente, somos dotados dessa competência, ou seja, que a linguagem e seu desenvolvimento dentre os homens se dá pelo fato de ser inata.

Tudo isso faz parte do texto escrito, mas para montá-lo necessitamos de símbolos e entende-se aqui como símbolos, as letras e os números, mas também precisamos de regras. As regras existentes em uma língua, e que servirão para serem usadas na escrita, marcam o texto na hora da leitura, auxiliando o entendimento e dando significado.

Um texto, diferente do que se possa pensar, não necessariamente tem que ser escrito, sua elaboração pode também ser realizada oralmente, sem símbolos ou ícones, mas com sons. Como dito anteriormente, “nos valem de uma estrutura mental” para construirmos o texto, pois toda elaboração do mesmo primeiro ocorre em nossa mente, possibilitando qualquer outra forma de expressão.

*Construindo a escrita*

Por volta de 4.000 a.C., surgiu a escrita, assinalou a passagem da Pré-História para a História propriamente dita. (MELLO, Leonel & COSTA, Luís. 1985, p. 20)

Agora que já conseguimos definir o que é texto e quais as suas características mais marcantes, retornemos a história da língua escrita.

Desde que o homem sentiu a necessidade de registrar sua vivência, deixou seus registros espalhados pelo mundo em forma de desenhos a princípio, escrita chamada inicialmente pictográfica (picto = desenho; gráfica = registro, escrita).

Essas imagens eram gravadas em paredes de cavernas a mais ou menos cinco mil anos atrás. Mesmo assim, esse tipo de registro não era o suficiente para dar conta de tantos significados que a intenção de quem desenhava queria expressar e com o tempo, foram criados outros tantos símbolos. Os babilônios elaboraram a primeira escrita, mas foram os fenícios que criaram a escrita fonética que deu origem ao nosso alfabeto, pois os gregos ao adotarem estes símbolos adaptando-os a sua cultura, estabeleceram a escrita da esquerda pra direita, desenvolvendo a escrita silabar, além de introduzirem o uso de vogais e modificarem seu formato, mudando assim a história do mundo. Como é do saber geral, foram eles, os gregos, que também influenciaram toda a cultura ocidental, através dos romanos. A publicação de leis por Sólon, que revolucionou o pensamento grego, foi marcante e decisiva para a eternização do que era dito, pois a partir dali, as regras estavam registradas e dificilmente poderiam ser distorcidas por aqueles que tinham mais poder e o exerciam através da política ou do dinheiro. O peso que antes tinha a palavra empenhada oralmente, passa a ter a palavra escrita.

A princípio tudo isso era registrado em *papiro*, um tipo de “papel da Antigüidade”, confeccionado a partir de uma haste da erva do mesmo nome, planta semelhante ao junco. O registro também podia ser feito em *pergamino*, que era a pele da ovelha tratada adequadamente para que nela se fizessem registros, tal como no pergamino ou no nosso atual papel. Esse tipo de registro acabava por se perder, pois o papiro era muito frágil e com o tempo acaba por se desfazer, por falta de resistência à membrana, assim como eram per-

didados vários registros em pergaminho, porque se deteriorava. Eram volumes, denominados *rotulus* ou *volumen* (do verbo *volvere*, “*enrolar*”) onde as obras gregas e latinas eram escritas. O rolo ou *volumen* foi utilizado até o século V da Era Cristã.

O que fazer, então, para manter os textos perpetuados? A solução encontrada foi, de acordo com a necessidade, a cópia dos textos. Esse trabalho artesanal era feito pelos copistas ou escribas, a mais de seis mil anos a.C, que eram muito conceituados em seu meio, pois eram eles que de certa forma detinham o saber, porque todo saber passava por eles. Eram eles os responsáveis pelas reproduções de textos relativos àquela cultura como também de leis. Eles estavam ligados à religião e inicialmente, entre os judeus passavam por um período de purificação. Com o tempo, essa preparação não era mais vista como algo necessário e por tudo isso as cópias também já não eram mais tão cuidadosas. Com a chegada do papel na Idade Média, as cópias ficavam mais nítidas, mesmo assim ao passarem por séculos e séculos de cópias e cópias, as reproduções chegaram a esta época já cheias de modificações, pois os *escribas ou copistas*, muitas vezes ao reproduzirem erravam as linhas pulando e copiando a seguinte, ou mesmo, sem entender aquilo que estava escrito reorganizavam a semântica do texto. Seus sucessores, diante das alterações feitas e sentindo a necessidade de obter um texto compreensível, faziam ainda mais alterações. Vários eram os tipos de deteriorizações.

O Renascimento, como veremos a seguir, foi à época da História Universal em que os homens, mais preocupados consigo mesmos, com o que pensavam e agiam, buscaram na Cultura Clássica a oposição necessária ao que denominavam Idade das Trevas. Faziam isso investindo nas artes de uma maneira geral. Esses investidores eram chamados humanistas.

Durante essa determinada época de nossa história, os textos gregos e latinos da Antigüidade, serviram de referência para outros autores. Houve então, uma necessidade urgente de se ter em mãos esses textos na sua forma original, mas como, se por séculos e séculos os textos foram alterados? Se muitos deles foram perdidos em guerras, catástrofes, ou mesmo negligência e as que restavam eram cópias espalhadas em bibliotecas de mosteiros?

Coube aos humanistas a tarefa de encontrá-los para comparar e julgar os conteúdos deles posteriormente. Eram levados em consideração os trechos dos manuscritos que apareciam “iguais” em todas as reproduções, ou que continham alguma semelhança. Após ter-se estabelecido a genealogia dos manuscritos, os trechos eram reunidos em uma edição, chamada de edição crítica.

Uma edição crítica era o julgamento de um editor, o resultado de suas conjecturas, tentando apresentá-lo a seu leitor na forma originária, o que não significa canonizá-la. Como é um julgamento e apesar da tentativa de purificação do texto, o que ocorre é que não há edições críticas perfeitas.

Essa análise diacrônica tem a intenção de trazer para toda a humanidade uma aproximação maior com seu passado, de forma a entendê-lo. Com certeza, estes textos influenciaram toda a rota literária da humanidade bem como o transformar de várias línguas, que sob esta interferência ganharam novos vocábulos ou transformaram outros tantos.

Com a chegada da imprensa, por volta do ano de 1500, todo o processo de reprodução dos textos ficou facilitada, sem alterações, pois o perigo de cometer erros é infinitamente pequeno.

Atualmente, temos em nossa sociedade, um outro meio de publicar nossos textos, muito mais rápido, muito mais preciso: a Internet.

Diferente os textos da Antigüidade ou da época em que a imprensa surgiu, os textos da Internet tratam dos assuntos de forma generalizada, são textos de leitura rápida, superficiais. Os motivos que levam a produção de textos tão fugazes são aqueles ligados a questões econômicas, pois aquele que acessa a rede paga por este serviço, ou mesmo de ordem prática, pois a leitura na tela não é muito agradável, trazendo para o leitor cansaço e desconforto nas vistas e no restante do corpo, contudo estes textos são mega bibliotecas, enciclopédias infinitas. Vejamos, ao acessar um site (ou sítio) e nos depararmos com um texto encontramos vários itens sublinhados. Quando clicamos sobre um desses itens grifados, logo podemos fazer um link com outro site que trata daquele assunto específico. Por exemplo: ao entrarmos numa revista virtual que fala sobre budismo e

neste texto está sublinhado o termo Gohonzon, e clicarmos sobre ele, imediatamente seremos transportados para outro site que fale sobre o *Gohonzon* um pouco mais profundamente. Neste outro texto há o nome de *Nitiren Daishonin* grifado e ao clicarmos ali estaremos mais uma vez, nos direcionando através do link a um outro texto, assim infinitamente através da Internet.

Esse texto sem fim, uma biblioteca infinita, essa mega enciclopédia com ponte para vários lugares do mundo, a qualquer hora, para qualquer lugar do mundo é o Hipertexto.

## INTERNET, A OITAVA MARAVILHA DO MUNDO

**Curiosamente, o computador nasceu de uma máquina de Turin, capaz de dar um passo de cada vez, e, de fato, nas profundezas da máquina, a linguagem ainda opera dessa maneira, por uma lógica binária, de zero-um. Porém o produto da máquina não é mais linear: é uma explosão de fogos de artifícios semiótico**

(ECO.2003)

Vivemos num mundo hoje cheio de urgências, num mundo em que o relógio é quem dita as ordens. Precisamos estar em muitos lugares ao mesmo tempo e as tecnologias da modernidade, tais como o celular e o computador estão presentes para facilitar a vida deste homem já tão atarefado, quase onipresente, facilitado por essas mesmas tecnologias.

A Internet surgiu no final década de 50, após a União Soviética, hoje desfeita em vários países do leste europeu, enviar um satélite espacial para a órbita da Terra, o SPUTINIK. Paralelo a esse movimento, o presidente dos Estados Unidos, na época *Eisenhower*, fundou a ARPA<sup>1</sup> (Advanced Research and Projects Agency) com o objetivo de criar e desenvolver tecnologias que pudessem servir as forças armadas. Pensando na possibilidade de um ataque nuclear, a ARPA elaborou em um sistema interligado de comunicação que fosse descentralizado, em que as informações seriam socializadas, sen-

---

<sup>1</sup> [www.hotlink.com.br/suporte/suporte\\_manual/manual2.php](http://www.hotlink.com.br/suporte/suporte_manual/manual2.php), em 21/04/2004, às15h40min

do levadas de máquina para máquina. A sugestão foi aceita e esse sistema se desenvolveu em larga escala durante as décadas de 60 e 70. Em 72, ele foi apresentado como ARPANET em uma feira de comunicações chamando a atenção de todos ali presentes. Algumas Universidades passaram a fazer parte desse sistema, no qual registravam suas pesquisas. Com as freqüentes descobertas e pesquisas essa rede cresceu e tomou a forma do que hoje conhecemos por INTERNET.

A Internet é esse mega sistema que interliga diversos tipos e tamanhos de computadores. Cada um desses computadores está limitado a seu sistema e as informações gravadas em seu disco rígido, porém se conectados a Internet, essa gama de informações se multiplica incrivelmente, pois não há limites para o volume de informações que podemos encontrar neste sistema. A Internet é um sistema, que possui um protocolo compartilhado por seus usuários; uma comunidade virtual que pode trocar idéias a qualquer momento, que une diversas culturas, interage com as diferenças.<sup>2</sup>

Pode-se entrar em uma sala de bate-papo (ou chat, em inglês) e conversarmos com pessoas de diversas partes do mundo, ou mesmo visitarmos o Museu do Vaticano, uma biblioteca local, a Casa Branca ou descobrir através do sistema, onde está onde livro raro de Carlos Drummond de Andrade.

Para que funcione este sistema precisa de uma estrutura em que bancos principais de informações, chamados bankbones (em português, espinha dorsal), ministrados por empresas de telefonia, dão acesso através de provedores. Todo aquele que quer conectar-se necessita de uma linha telefônica, um computador com programas que facilitem esse acesso, além de um “drive de mouden”. Como o acesso é feito através de uma linha telefônica e por esse acesso pagá-se o impulso, todo usuário dá a procura ganhar tempo utilizando-a o mais rápido possível.

Através da sigla www, Would Wide Web<sup>3</sup>, que significa Teia de Alcance Mundial, os usuários podem ter acesso às informações

---

<sup>2</sup> [www.hotlink.com.br/suporte/suporte-manual1.php](http://www.hotlink.com.br/suporte/suporte-manual1.php), em 21/04/2004, às 15h e 30 min.

<sup>3</sup> [www.hotlink.com.br/suporte/suporte-manual5.php](http://www.hotlink.com.br/suporte/suporte-manual5.php), em 21/04/2004, às 15h e 59min.

diversas. Uma empresa, uma instituição filantrópica ou mesmo uma poetiza, pode através de uma página gráfica, expor informações sobre seus produtos, seus serviços, sua estrutura organizacional, ou qualquer outra informação que julgar necessária. Como essa rede é mundial, e não “fecha pro almoço”, as informações nela inseridas são alteradas a qualquer hora, mostrando que a velocidade da informação é assustadoramente grande. Essas informações se apresentam em páginas com ícones e textos e são acessadas quando, com cursor, solicitamos com dois cliques que se abra outra página com a informação pedida.

*O texto virtual: rei morto, rei posto*

**Vivemos num ritmo de velocidade pura, como afirma Lévy, numa pluralidade de devires imediatos (RAMAL, 2002, p. 81)”.**

Quando pensamos no homem como animal comunicante, percebemos que sua situação mudou radicalmente desde os primórdios. De uma valorização da oralidade, passando pela urgência e necessidade de haver uma cultura escrita, a um movimento na cultura que valoriza os dois simultaneamente. De um momento histórico, como aquele em que as “sociedades primárias e os interlocutores partilhavam o mesmo contexto” (RAMAL, 2002: 81) a este, em que o contexto é compartilhado ao mesmo instante, por várias culturas. Não só partilhamos um mesmo contexto, o da Internet, através do hipertexto, como também podemos promover o encurtamento das distâncias. Essa nova possibilidade de interação nos permite rever conceitos antes tão sólidos, absolutos em suas verdades como o do contexto, do espaço e do tempo.

Se entendermos por contexto “situação a qual ocorre e se insere algo ou alguém” (HOUAISS, 2001: 108) ou ainda “o que constitui o texto no seu todo” (FERREIRA, 2001: 180), podemos afirmar que o usuário da Internet, tem o poder através dela simultaneamente participar do seu contexto pode se sentir inserido em outro o qual compartilha, com vários outros usuários, estes ainda em outro contexto. O que tudo isso quer dizer? Que um indivíduo morador da Gaborone, capital de Botsuana, no continente africano, com valores muito diferentes do restante do mundo, que fala uma língua ou um

dialeto, muito comum daquela região, pertencente a uma forma de divisão social peculiar aquele povo, pode falar ou apenas compartilhar um hipertexto com outro usuário que está a milhões de quilômetros dali, em São Paulo, no Brasil, por exemplo, que fala o português, com uma característica falá-lo e que participa de um sistema totalmente diferente do primeiro.

Isso nos faz pensar no espaço que é igualmente dividido por esses dois internautas que também estão em espaços diferentes. Esse espaço da Internet, no hipertexto é apesar de virtual, um espaço partilhado ao mesmo tempo por diversos usuários.

Com a urgência em que vivem os homens hoje, fez-se necessário criar um sistema que fosse igualmente rápido de modo a favorecer o homem em sua eterna busca por novas informações. Esse sistema é a Internet e é através dela que as informações podem ser passadas adiante numa velocidade nunca antes vista. Para que possamos perceber a velocidade em que as informações nos chegam através da Internet, precisamos fazer comparações com o passado.

Vejamos: na Idade Média quando um rei morria, sua morte era anunciada a outros reinos por mensageiros que cumpriam sua função em cima de um cavalo. A chegada dessa informação a outros reinos podia levar horas, dias ou sem exagero, semanas. As grandes distâncias impediam que as informações chegassem rapidamente e ao chegarem ao seu destino, elas já eram ultrapassadas. Muitas vezes a informação era repassada, porém outro dado poderia tornar velho ao anterior sem que ninguém soubesse, como a substituição do mesmo rei. Rei morto, rei posto.

Notícias são repassadas agora com diferença de segundos, sem que a distância seja um fator de impedimento para a chegada do novo informe a milhões de pessoas. Isso pode ocorrer em uma rádio, ou em canal de tv, que é de livre acesso ao grande público. Todos esses dois veículos de comunicação são capazes desse feito hoje, porque contam com uma tecnologia avançadíssima, na maioria das vezes desenvolvida, por centros de desenvolvimento de tecnologia avançada, como ocorreu com o surgimento da Internet, que foi desenvolvida pela ARPA.

O texto da Internet não poderia ser diferente. Ele tem como

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

principal característica superficialidade, objetividade e a velocidade com que muda. A própria estrutura do texto virtual não permite que eles sejam longos, porque a página gráfica é do tamanho da tela, além de ser impossível para o usuário manter a mesma postura por horas a fio, tornando desconfortável qualquer um o prolongamento de frente para o monitor.

A necessidade de sintetizar o assunto o torna objetivo e superficial.

O tempo da Internet é agora, o espaço é o da imaginação. Suas possibilidades nasceram e nascem da criatividade humana. Nada é impossível na Internet.

**(Continua no úmero° 32)**